

O ESTÁGIO À DOCÊNCIA NO CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA: REGÊNCIA, PRÁTICA DE CAMPO E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Gabriel de Paiva Cavalcante ¹

RESUMO

A atividade de estágio à docência é de relevante importância para a formação do docente, já que rompe a barreira do teórico e alcança a prática. É nessa etapa que o mestrando passa a se conhecer mais como docente, entende as suas principais limitações e inicia a procura por métodos de melhorias. O desenvolvimento do estágio aconteceu durante dois processos: acompanhamento das aulas, com culminância da regência, e compreensão prática dos conceitos geográficos, com culminância na prática de campo. O momento de contato com a turma ocorreu por meio de uma ocasião na qual foram discutidos, de forma introdutória, aspectos da atmosfera terrestre, já a aula de campo foi organizada com a finalidade de compreender na realidade os conceitos aplicados em sala de aula. Com o final do desenvolvimento das atividades do estágio à docência, compreende-se a importância destas atividades para estudantes de mestrado. Entende-se que é a partir da observação do professor e das atividades práticas que o acadêmico entra em contato com a docência, o que permite a possibilidade do autoconhecimento e da autocrítica, fatores essenciais para o desenvolvimento profissional, especialmente na formação e prática docente.

Palavras-chave: Geografia, Climatologia, Pós-graduação, Estágio à docência.

INTRODUÇÃO

A atividade de estágio à docência é de relevante importância para a formação do docente, já que rompe a barreira do teórico e alcança a prática. É nessa etapa que o mestrando passa a se conhecer mais como docente, entende as suas principais limitações e inicia a procura por métodos de melhorias. A principal vantagem do estágio à docência na formação do professor é esse descobrimento, que ocorre durante a formação e, assim, gera um tempo necessário para que o futuro profissional busque a solução dos principais problemas, o que não ocorre quando o primeiro contato do professor é promovido já na vida profissional.

Nesta perspectiva, durante o estágio o mestrando deve observar, em uma etapa primária, a forma do professor coordenador aplicar seus conteúdos, as metodologias de avaliação, a busca por exemplos durante a explanação em sala de aula e, em etapa

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, cavalcantegp.geo@gmail.com.

posterior, buscar aplicar o que aprendeu durante uma regência. Assim, resume-se o estágio em acompanhamento e prática.

Este trabalho sintetiza as experiências do estágio à docência que ocorreu no período letivo 2017.1 em acompanhamento a uma turma do Curso de Licenciatura em Geografia do Departamento de Geociências da Universidade Federal da Paraíba. Durante a atividade de acompanhamento, duas ações foram essenciais para a familiaridade à atividade docente: a regência e a prática de campo, sendo a primeira como uma experiência prática no ensino, e a segunda, como parte empírica do saber geográfico, essencial para a compreensão dos fenômenos naturais e sociais, estes que são acompanhados pela Geografia em suas mais diversas áreas.

A prática de campo é fundamental para o exercício da Geografia, seja durante ou após a formação acadêmica, nos trabalhos desenvolvidos pelo geógrafo e pelo professor de Geografia no intuito de se observar e interpretar o espaço geográfico. De acordo com Venturi (2009), é por meio do trabalho de campo que se tem contato com a realidade:

O momento do trabalho de campo representa o contato imediato (...) com a realidade, ainda que se possa fazer uso de instrumentos; é o momento de conhecê-la melhor por meio de técnicas de observação e interpretação (...). O contato direto com a realidade em campo não significa que se tenha o mesmo controle dos processos que se pode ter em laboratório. No campo, o cientista está submetido às dinâmicas da realidade que eleger estudar. (VENTURI, 2009, p. 18).

A compreensão das paisagens e suas dinâmicas pode ocorrer por meio das técnicas de observação e de interpretação da realidade a qual nos submetemos, e a diversidade é um dos aspectos mais notáveis dos sistemas ambientais visitados nos dois Estados. Em um panorama de travessia entre a região litorânea e o interior, por exemplo, nota-se grande variabilidade nos aspectos geográficos, principalmente acerca dos fatores climáticos e geomorfológicos. Deve-se salientar que a presença ou ausência um componente muda totalmente o comportamento do sistema ambiental físico, o que o torna mais excepcional a cada vez que aumentamos a escala de estudo.

Os geossistemas são compostos pela fisionomia da paisagem (TROPPEMAIR & GALINA, 2006). É a abordagem dos fatores naturais e suas interações, formando um agrupamento que interage entre si e compõe o todo a partir da visão holística. Esse conjunto de interações forma um processo complexo de circulação de energia e matéria na condição de que exista um equilíbrio dinâmico e esses movimentos de energia

ocorram em sintonia, permitindo, assim, que o sistema ambiental físico permaneça resistente ou apresente uma nova estabilidade após a aplicação de uma força de distúrbio (a exemplo dos eventos pluviométricos extremos, que provocam reações no ambiente).

O desenvolvimento desta pesquisa insere-se no campo da Climatologia, e tal análise ocorre de acordo com as produções do professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que revolucionou as pesquisas de Climatologia Geográfica no Brasil, quando propôs nas décadas de 1960 e 1970 a análise do ritmo dos tipos de tempo, e norteou os procedimentos metodológicos das pesquisas de Climatologia que vieram posteriormente. Segundo Mendonça e Danni-Oliveira (2007, p. 19):

A partir da década de 1960, e principalmente sob a influência de Monteiro, a Climatologia brasileira passou a registrar a produção de trabalhos de cunho regional e local, os quais transcenderam a predominante abordagem estritamente meteorológica do clima. Passou-se a observar, assim, uma profusão de estudos acerca da interação do clima (natureza) com as atividades humanas (sociedade), em um jogo mútuo de influências [...].

Sant'Anna Neto (2013, p. 77) considera a escala regional do clima como intermediária e ressalta que, nesta perspectiva, permite “a observação e a compreensão de uma trama em que a organização da paisagem (...) articula-se revelando os diversos níveis de organização espacial.”. Além disso, há a permissão do “entendimento da circulação secundária dos grandes sistemas atmosféricos e suas relações com os fatores geográficos, como (...) a altitude”.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é analisar as práticas desenvolvidas durante o estágio à docência pelo autor, com enfoque sobre a regência, a prática de campo e as contribuições para a formação docente.

2. ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES

Durante as aulas acompanhadas, foram abordados temas relacionados aos dois principais ramos da Climatologia: a Climatologia Tradicional, na qual o método quantitativo é utilizado, e a Climatologia Dinâmica, na qual se encaixa as metodologias geográficas, que buscam entender a relação do clima com a sociedade. Como a turma era do curso de Licenciatura em Geografia, o foco das aulas foi na formação docente para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, e, assim, o professor responsável pela componente diversificou as atividades entre a parte teórica da Climatologia e a

prática, com foco na aplicação dos conteúdos da componente nos livros didáticos a na realidade nas escolas e nas salas de aula. O curso se dividiu em quatro partes, sendo três voltadas à Climatologia enquanto ciência, e uma, ao ensino de Climatologia:

- **Parte I - Aspectos teóricos e conceituais em Climatologia:** nesta etapa, o professor ministrou aulas enfatizando os aspectos teóricos da Climatologia, numa linha de raciocínio que leva a evolução paradigmática e metodológica da ciência, iniciada na perspectiva da Geografia Quantitativa, passando por momentos de ruptura paradigmática na Climatologia Geográfica, inserida no Brasil pelo geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro na década de 1970, até as abordagens mais atuais, como a Geografia do Clima, numa perspectiva marxista tratada pelo também geógrafo João Lima Sant'Anna Neto. Além dessas questões, foram tratados nesta etapa os parâmetros do Sistema Clima Urbano – SCU, propostos por Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro e amplamente utilizado pelos pesquisadores de Climatologia no Brasil. Trata-se da parte mais densa do curso, com o levantamento dos aspectos teóricos mais importantes da área da Climatologia, o que exige uma relevante carga de leitura. Para isso, foram utilizadas as seguintes referências: Monteiro (1971), Zavattini (1998, 2000), Mendonça e Monteiro (2003), Moura (2008), Sant'Anna Neto (2008), Mendonça e Danni-Oliveira (2007), Barros e Zavattini (2009), Ayoade (2010) e Mendonça (2010);
- **Parte II – Atmosfera Terrestre e Radiação Solar:** esta parte do curso se dividiu em dois tópicos. O primeiro tópico tratou da atmosfera terrestre: origem, composição, papel e importância dos principais gases e estrutura (camadas). Foi neste tópico que ocorreu a regência. Já o segundo tópico foi sobre radiação solar: princípios físicos, interação com a atmosfera/superfície e balanços. As bases teóricas para a segunda parte do curso foram de Salgado-Labouriau (1994), Ferreira (2006), Mendonça e Danni-Oliveira (2007), Ayoade (2010) e Barry e Chorley (2013);
- **Parte III – Controles e Atributos Climáticos:** esta parte consiste em uma maior compreensão da Climatologia na realidade social, já que trata de discussões sobre a interação entre o meio físico e o clima, bem como, da antropização dos fenômenos. Sua subdivisão ocorreu em três tópicos, a saber: 1) Fatores Geográficos (Controles Climáticos); 2) Temperatura do ar (campo

térmico): variações (temporais e espaciais) e instrumentos de medida; e 3) Umidade do ar (campo higrométrico): conceito e variações (volume e massa), condensação e precipitação, instrumentos de medida. As referências utilizadas foram Mendonça e Danni-Oliveira (2007), Ayoade (2010) e Petersen, Sack e Gabler (2014);

- **Parte IV – Climatologia e Escola:** nesta etapa foram tratados os conteúdos de Geografia Escolar na perspectiva da Climatologia durante a duração do curso, mesclando entre os conteúdos da Climatologia conceitual. Ocorreram duas atividades: a primeira consistiu na visita dos mesmos a unidades escolares para a percepção do lugar sob a ênfase de características como o conforto térmico; já a segunda atividade corresponde a pesquisas nos livros didáticos do Ensino Fundamental, buscando conteúdos relacionados à Climatologia. Esta atividade resultou em uma apresentação no formato de roda de conversa, na qual os alunos compartilharam os conteúdos encontrados.

3. REGÊNCIA

O momento de contato com a turma ocorreu por meio de uma ocasião na qual foram discutidos, de forma introdutória, aspectos da atmosfera terrestre. Houve a preparação de um plano de aula de acordo com as orientações do professor responsável pela disciplina, além da inserção de outras informações pertinentes ao momento em que ocorreu a aula, bem como, à turma.

Foram abordados conteúdos sobre a origem, o conceito, a composição e a estrutura vertical da atmosfera, além da importância do vapor d'água, do Ozônio, dos Gases do Efeito Estufa – GEE e dos aerossóis. Além disso, foi feito um exercício com a turma, no qual o objetivo era detalhar as temperaturas das camadas da atmosfera e compreender a variação térmica entre as camadas. A principal referência utilizada foi Salgado-Laboriou (1996).

4. AULA DE CAMPO

A aula de campo foi organizada com a finalidade de compreender na realidade os conceitos aplicados em sala de aula, cujo roteiro está disponível na Figura 1. Como as paisagens do estado da Paraíba são bastante diversificadas e apresentam mudanças bastante relevantes em curtas distâncias, o roteiro de leste a oeste no estado torna-se

bastante didático para a compreensão do clima, já que as respostas na paisagem variam de acordo com elementos climáticos, a exemplo da variação pluviométrica entre as regiões, que provoca diversificação na cobertura vegetal.

Figura 1 – Roteiro da aula de campo.
ROTEIRO DA PRÁTICA DE CAMPO EM CLIMATOLOGIA – 2017.1



P1 – Centro Histórico da cidade de Areia

P2 – Estação Climatológica da UFPB/Campus II (Areia)

P3 – Superfície elevada aplainada da Borborema (Pocinhos)

P4 – Transição entre a superfície elevada da Borborema e a Depressão Sertaneja (Santa Luzia)

P5 – Vale dos Dinossauros (Sousa)

P6 – Depressão Sertaneja (Malta)

P7 – Pedra do Tendó (Teixeira)

Legenda

- Pontos de parada
- Divisão Municipal

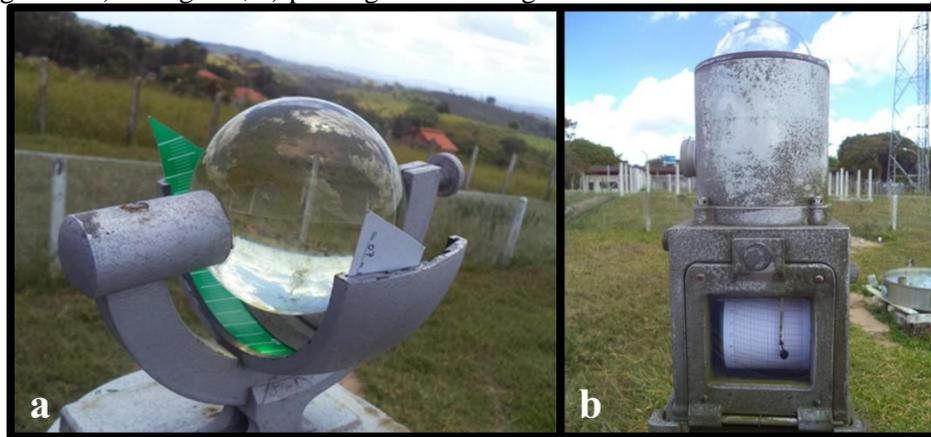
01/09/2017 (sexta-feira)			
Ponto	Parada	Local	Horário
-	Saída	UFPB – João Pessoa (Posto Policial)	07h00
P1	Centro Histórico da cidade de Areia	Areia	10h00
-	Almoço	Areia	12h00
P2	Estação Meteorológica	Areia	14h00
-	Pernoite	UFPB Campus II – Areia	19h00
02/09/2017 (sábado)			
-	Saída	UFPB Campus II – Areia	07h00
P3	Superfície elevada aplainada da Borborema	Pocinhos	09h00
P4	Transição Borborema/Depressão Sertaneja	Santa Luzia	11h00
-	Almoço	São Mamede	12h00
P5	Vale dos Dinossauros	Sousa	16h00
-	Pernoite	Sousa	19h00
03/09/2017			
-	Saída	Sousa	07h00
P6	Depressão Sertaneja	Malta	10h00
-	Almoço	Patos	12h00
P7	Pedra do Tendó	Teixeira	14h00
-	Retorno	Teixeira	15h00
-	Chegada	UFPB – João Pessoa (Posto Policial)	21h00

Elaboração: o autor.

Durante a atividade de campo, foram levantados dados sobre cinco pontos, três no primeiro dia e dois no segundo dia, a saber:

- **Ponto 1, Estação Meteorológica de Areia/PB:** a visita a uma estação meteorológica do Instituto Nacional de Meteorologia – INMET é de suma importância para a compreensão de como os dados climáticos são coletados, registrados e colocados à disposição dos pesquisadores. Uma Estação Climatológica possui diversos aparelhos medidores, cada um com a sua especificidade e importância no âmbito científico:
- **Heliógrafo:** medindo a insolação (quantidade de horas em que as ondas solares atingem a superfície), o heliógrafo (Figura 2a) é um instrumento desenvolvido para medir durante a maior parte possível do dia;
- **Piranógrafo/actinógrafo:** exemplificado na Figura 2b, registra a intensidade da radiação solar. Seu registro é feito por meio da dilatação/contração de placas metálicas à medida que varia a intensidade dos raios solares;

Figura 2: a) heliógrafo; b) piranógrafo em imagem destacando a sua fita de medição.

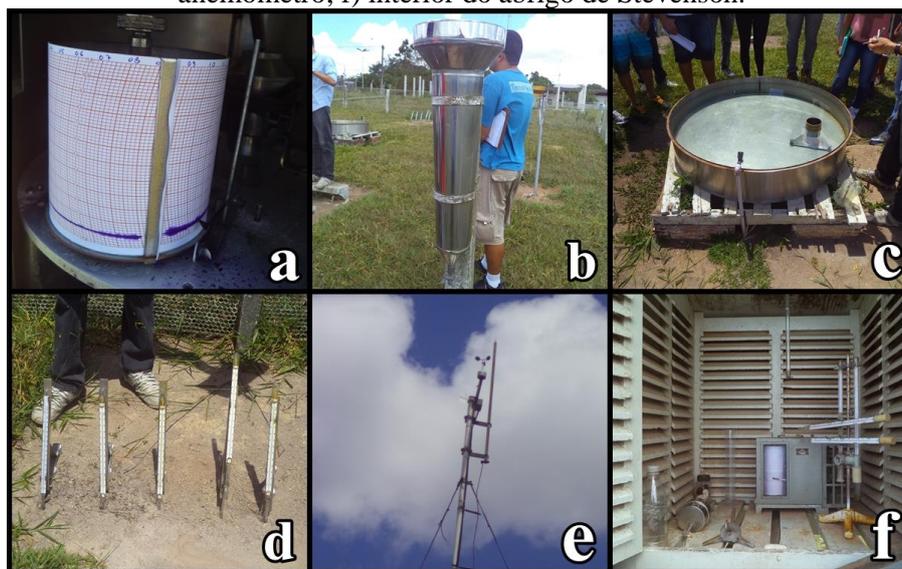


Fotos: o autor.

- **Pluviógrafo:** utilizado para registrar as precipitações e seus momentos/intensidades (Figura 4a). Quando há precipitação, a tira deve ser coletada diariamente;
- **Pluviômetro:** (Figura 4b) mede as precipitações de forma simples: a água entra no aparelho, se armazena e a medição é feita em provetas;
- **Tanque evaporimétrico classe A** (Figura 4c): medição da evaporação numa superfície (tanque) com água;

- **Evaporímetro de piche:** mede a evaporação em milímetros de água evaporada a partir de uma superfície porosa mantida umedecida por água;
- **Geotermômetros** (Figura 4d): indicam a temperatura do solo em diversas profundidades (em centímetros): 2, 5, 10, 20, 30, 50 e 100;
- **Termômetros de máxima e mínima:** Registram, a temperatura máxima e a temperatura mínima do dia (em °C);
- **Termohigrógrafo:** registra a temperatura e a umidade do ar ao mesmo tempo, em °C e porcentagem, respectivamente;
- **Psicômetro:** é constituído por dois termômetros, postos um ao lado do outro, no qual o primeiro funciona com o bulbo seco, e o outro com bulbo úmido;
- **Anemômetro:** mede a velocidade dos ventos e, em alguns tipos, a direção (Figura 4e);
- **Anemoscópio:** define a direção do vento;
- **Barômetro:** mede a pressão atmosférica;
- **Abrigo de Stevenson** (figura 4f): local onde os instrumentos de aferição da temperatura e umidade do ar ficam armazenados: o termômetro de máxima e mínima e o psicômetro.

Figura 4: alguns aparelhos da Estação Climatológica de Areia. a) mecanismo de leitura do pluviômetro; b) pluviômetro; c) tanque evaporimétrico classe A; d) geotermômetros; e) anemômetro; f) interior do abrigo de Stevenson.



Fotos: o autor.

- **Ponto 2, Superfície elevada aplainada da Borborema, município de Pocinhos/PB:** esta região, já localizada à sotavento da Borborema, é característica por apresentar feições na paisagem típicas de regiões semiáridas, como a presença de facheiros na vegetação. A disposição geomorfológica da região, caracterizada pelo planalto da Borborema, é marcante na paisagem, com ocorrência de lajedos utilizados pelos habitantes locais como alternativa para armazenamento de água da chuva;
- **Ponto 3, Transição Borborema/Depressão Sertaneja, município de Santa Luzia/PB:** o município de Santa Luzia possui um marco geomorfológico importante: trata-se da região de transição entre o planalto da Borborema e a Depressão Sertaneja. A Serra de Santa Luzia (Figura 4) é a materialização desta transição, perceptível pela sinuosidade da BR 230.

Figura 4: Rodovia BR-230 e Serra de Santa Luzia ao fundo.



Foto: o autor

- **Ponto 4, Vale dos Dinossauros, município de Sousa/PB:** região sedimentar no Sertão Paraibano, marcada pela presença do Rio do Peixe, afluente do Piranhas. No solo argiloso da várzea, ficaram testemunhadas pegadas de algumas espécies de dinossauros que habitaram a região há milhões de anos (Figura 5).

Figura 5: imagem panorâmica do Vale dos Dinossauros.



Foto: o autor.

- **Ponto 5, Pedra do Tendó, município de Teixeira/PB:** a Pedra do Tendó se localiza na Serra de Teixeira, componente do compartimento estrutural da Borborema. No mirante desta formação rochosa é possível observar grande parte da Depressão Sertaneja (Figura 6), principalmente a região da cidade de Patos, maior cidade do Sertão. A diferença altimétrica entre a Depressão Sertaneja e a Serra de Teixeira é bastante relevante e provoca mudanças bruscas na paisagem, a exemplo do porte da vegetação, que passa a ser uma caatinga arbórea, diferenciando-se da caatinga arbustiva das regiões mais baixas. Essa mudança na vegetação ocorre devido a fatores como as chuvas orográficas, que ocorrem na região devido a altitude, e, também, às menores temperaturas, o que diminui o estresse hídrico das plantas.

Figura 6: vista a partir da Pedra do Tendó.



Foto: Gabriel de Paiva, 2013.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o final do desenvolvimento das atividades do estágio à docência, compreende-se a importância destas atividades para estudantes de mestrado. Entende-se que é a partir da observação do professor e das atividades práticas que o acadêmico entra em contato com a docência, o que permite a possibilidade do autoconhecimento e da autocrítica, fatores essenciais para o desenvolvimento profissional, especialmente na formação e prática docente.

Dentre as atividades desenvolvidas durante o acompanhamento da componente curricular Climatologia para o curso de Licenciatura em Geografia, destacam-se três

momentos – ou etapas – de grande relevância para a formação do estagiário, a saber: 1) o acompanhamento das atividades, que possibilitou grande aprendizado para o estagiário, gerando uma visualização da aula com foco além da necessidade de apreensão do conteúdo, mas sim, da forma de lecionar e dos recursos didáticos utilizados; 2) a regência, que permitiu o contato direto do estagiário com os alunos e uma autoavaliação do estagiário, que possibilita elencar pontos positivos e negativos; e 3) o acompanhamento da aula de campo, que, além de proporcionar o contato do teórico com o empírico, revelou ao estagiário a possibilidade de se posicionar em momentos diferentes da sala de aula, algo tão importante na Geografia.

Compreender o espaço paraibano na sua essência físico-natural é uma experiência gratificante. Cada município do estado possui alguma particularidade, algo que encanta, chama para analisar e estudar. Todo o território paraibano é repleto de monumentos naturais incríveis: desde o mangue no litoral, passando pela Formação Barreiras, a Depressão Sublitorânea, o Brejo, o Seridó, o Cariri, a Borborema, e o Sertão por completo; a restinga de Cabedelo, a Barra de Camaratuba, o Rio Paraíba, a Pedra da Boca, as rochas de Picuí, o Lajedo Pai Mateus, as Pegadas dos Dinossauros, a Serra do Teixeira, dentre muitos e muitos outros que compõem esse magnífico e pequeno espaço chamado de Paraíba.

Na aula de campo de Climatologia puderam-se conhecer alguns desses monumentos, analisar, estudar, descrever e, o mais importante, atravessar todo o estado, conhecer todas as características físicas e naturais, o clima, a vegetação, e o solo como um todo. Foi um estudo detalhado e aprofundado do espaço paraibano. Cada lugar com uma característica diferente: Areia e seu clima fresco, o Planalto da Borborema e seus gnaisses lindamente bandados pela ação do metamorfismo, Santa Luzia e o espaço cheio de afloramentos, de transição entre a Borborema e o Sertão, Sousa e o registro paleontológico de milhões de anos e a Serra do Teixeira, onde se situa o ponto culminante da Paraíba.

Logo, o estágio à docência destoa da atividade eminentemente acadêmica e parte para o preenchimento de uma lacuna profissional deixada durante a graduação – principalmente em cursos com currículos antigos que não permitem o contato do graduando com o ambiente em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AYOADE, J. O. **Introdução à climatologia para os trópicos**. 14^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BARROS, J. R.; ZAVATTINI, J. A. Bases conceituais em climatologia geográfica. **Mercator**. Fortaleza, Revista de Geografia da UFC, ano 08, número 16, p. 255-261, 2009. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc/index.php/mercator/issue/view/M16>>.

BARRY, R. G.; CHORLEY, R. J. **Atmosfera, Tempo e Clima**. 9^a ed. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookman, 2013. 512 p.

FERREIRA, A. G. **Meteorologia Prática**. São Paulo: Oficina de Textos, 2006, 188 p.

MENDONÇA, F. Riscos e vulnerabilidades socioambientais urbanos – a contingência climática. **Mercator**. Revista de Geografia da UFC, volume 9, número especial (1), 2010, p. 153-163.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA, I. M. **Climatologia: noções básicas e climas do Brasil**. São Paulo: Oficina de Textos, 2007.

MENDONÇA, F.; DANNI-OLIVEIRA. **Climatologia: noções básicas e climas do Brasil**. São Paulo: Oficina de Textos, 2007, 206 p.

MENDONÇA, F.; MONTEIRO, C. A. F. **Clima Urbano**. São Paulo: Contexto, 2003, 192 p.

MONTEIRO, C. A. F. Análise Rítmica em Climatologia. **Série Climatologia**, n^o 1. São Paulo: Instituto de Geografia/USP, 1971. Disponível em: <<http://abclima.gff.br/publicacoes.php>>.

MOURA, M. O. **O clima urbano de Fortaleza sob o nível do campo térmico**. (Dissertação de Mestrado). Fortaleza: Programa de Pós-Graduação em Geografia-UFC, 2008, 318 p. Disponível em: <http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5141>.

PETERSEN, J. F.; SACK, D.; GABLER, R. E. **Fundamentos de Geografia Física**. (Tradução: Thiago Humberto Nascimento). São Paulo: Cengage Learning, 2014, 485 p.

SALGADO-LABOURIAU, M. L. **História Ecológica da Terra**. 2 ed. São Paulo: Edgard Blucher, 1994, 307 p.

SANT'ANNA NETO, J. L. Da climatologia geográfica à geografia do clima: gênese, paradigmas e aplicações do clima como fenômeno geográfico. **Revista da Anpege**, v. 4, 2008, p. 1-18. Disponível em: <<http://anpege.org.br/revista/ojs-2.2.2/index.php/anpege08/issue/view/1>>.

SANT'ANNA NETO, J. L. Escalas geográficas do clima: mudança, variabilidade e ritmo. In: AMORIM, M. C. C. T.; SANT'ANNA NETO, J. L.; MONTEIRO, A. **Climatologia urbana e regional: questões teóricas e estudos de caso**. Expressões, São Paulo, 2013, p. 75 – 91.

TROPPEMAIR, H.; GALINA, M. H. **Geossistemas**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 05, número 10, 2006.

VENTURI, L. A. B. **Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009. 240 p.

ZAVATTINI, J. A. A. A Climatologia Geográfica Brasileira, o Enfoque e a Noção de Ritmo Climático. **Revista Geografia**. Rio Claro, v. 23, n. 3, 1998, p. 5-24. Disponível em: <<http://abclima.ggf.br/publicacoes.php>>.

ZAVATTINI, J. A. A. O Paradigma da Análise Rítmica e a Climatologia Geográfica Brasileira. **Revista Geografia**. Rio Claro, v. 25, n. 3, 2000, p. 25-43. Disponível em: <<http://abclima.ggf.br/publicacoes.php>>.